O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 68 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.17204229

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

INTELECTUALIDADE NEGRA BRASILEIRA: UM ESTUDO DE REVISÃO DE LITERATURA[1]

Polliana Teixeira da Silva[2]

Isabelle Patriciá Freitas Soares Chariglione[3]

Resumo

O estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a intelectualidade negra brasileira, com base no protocolo PRISMA, a fim de investigar as discussões acadêmicas sobre o fenômeno. Inicialmente, foram encontrados 33 trabalhos nas plataformas SciELO, BDTD e CAPES. Após aplicação dos filtros, foram eleitos 20 trabalhos para a revisão, sendo oito dissertações, quatro teses e oito artigos. A análise, realizada sob a ótica da Análise de Conteúdo de Bardin, evidenciou duas categorias temáticas: (i) Negros intelectuais existem?; (ii) O que é uma intelectualidade propriamente negra?. Os achados evidenciaram que a experiência social-subjetiva da negritude se inscreve na produção de conhecimentos de pessoas negras, tornando árdua a tentativa de desassociar suas vivências pessoais de seu pensamento social sobre raça no Brasil, e resgatando a corporeidade negra como elemento presente na intelectualidade dessa população. A intelectualidade negra emerge, portanto, como um processo de ressignificação dos estereótipos, e assumindo a representação de uma intelectualidade de união e totalidade, a qual perpassa pelo entendimento de que os saberes são integrais e elaborados por ferramentas contextuais. O presente estudo aponta que não há, ainda, uma sistematização do termo "intelectualidade negra", evidenciando uma lacuna na construção de novos enredos e na validação de experiências negras na produção do saber, e recomenda a elaboração de novas pesquisas na área, com novos descritores e em âmbito internacional.

Palavras-chave: Colonialidade do Saber; Decolonialidade; Intelectualidade; Negra.

Abstract

The study aimed to conduct a literature review on Black Brazilian intellectuality, based on the PRISMA protocol, to investigate academic discussions on the phenomenon. Initially, 33 works were found on the SciELO, BDTD, and CAPES platforms. After applying the filters, 20 works were selected for review: eight dissertations, four theses, and eight articles. The analysis, conducted using Bardin's Content Analysis approach, revealed two thematic categories: (i) Do Black intellectuals exist?; (ii) What is a properly Black intellectuality? The findings demonstrated that the social-subjective experience of Blackness is inscribed in the knowledge production of Black people, making it difficult to dissociate their personal experiences from their social thinking on race in Brazil, and reclaiming Black corporeality as an element present in the intellectuality of this population. Black intellectuality thus emerges as a process of redefining stereotypes, assuming the representation of an intellectuality of unity and totality, which permeates the understanding that knowledge is integral and elaborated through contextual tools. This study indicates that there is still no systematization of the term "Black intellectuality," highlighting a gap in the construction of new narratives and the validation of Black experiences in the production of knowledge. It also recommends the development of new research in this area, using new descriptors and at an international level.

Keywords: Black; Coloniality of Knowledge; Decoloniality; Intellectuality.

[1] A presente pesquisa contou com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: fraupolliana@gmail.com

[3] Docente da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência do Comportamento. E-mail: ichariglione@unb.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propôs a realizar uma revisão de literatura sobre intelectualidade negra, a fim de explorar como tal conceito vem sendo abordado pela comunidade científica brasileira. Sabe-se que, a partir da segunda metade do século XX, a categoria intelectual do Brasil vem se transformando, apontando para a necessidade de novas interpretações acerca da imagem do intelectual brasileiro. Assim, emerge o questionamento: como a academia vem abordando a intelectualidade negra no Brasil?

A pertinência desta pergunta se dá pelo fato de que as universidades permanecem majoritariamente ocupadas por pessoas brancas. Ainda que exista o singelo movimento de contrapor a lógica colonizadora nos meios acadêmicos por meio da valorização de outros saberes, produzidos por e para pessoas historicamente alocadas à margem da sociedade, isso não necessariamente implica uma valorização desses conhecimentos emergentes. Ao contrário, é nítido que, mesmo que as universidades tenham como premissa a busca pela verdade, muitas vezes elas perdem o caráter emancipatório do conhecimento ao reproduzir saberes que servem a uma elite social hegemônica.

Ademais, a pertinência do questionamento sobre a abordagem acadêmica da intelectualidade negra é substanciada pela demografia do próprio ambiente universitário. Embora as universidades brasileiras estejam em processo de transformação, a ocupação de seus espaços, especialmente em níveis de pós-graduação e no corpo docente, ainda reflete uma estrutura histórica e social de exclusão, sendo majoritariamente composta por pessoas brancas. Nesse contexto, a ausência de vozes e perspectivas negras nos espaços de produção de conhecimento pode influenciar tanto os temas de pesquisa quanto a forma como a intelectualidade negra é conceituada e discutida. Portanto, analisar a produção acadêmica sobre o tema torna-se um exercício crítico para identificar as lacunas e os silenciamentos resultantes dessa representação desigual.

Em outras palavras, abordar a intelectualidade negra em grandes centros de produção de conhecimento não vem significando, necessariamente, a valorização de suas contribuições para a construção de uma nova sociedade. Ante o exposto, o presente estudo de revisão de literatura seguiu o protocolo PRISMA. Inicialmente, foram encontrados 33 trabalhos nas plataformas SciELO, BDTD e CAPES. Após aplicação dos filtros, foram eleitos 20 trabalhos para a revisão, sendo oito dissertações, quatro teses e oito artigos. Todos os estudos foram analisados sob a ótica da Análise de Conteúdo de Bardin, evidenciando duas categorias temáticas: (i) Negros intelectuais existem?; (ii) O que é uma intelectualidade propriamente negra?

O texto está organizado em seções, sendo elas: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussão, e Considerações Finais. A próxima seção apresenta o referencial teórico que

fundamenta a investigação proposta no estudo, seguida do detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados. Por fim, serão discutidos os resultados obtidos à luz da literatura analisada, os quais fornecem direcionamentos para futuras pesquisas na área.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo colonizador e escravocrata, grande pilar na formação econômica, social e cultural do Brasil, impacta diretamente em várias esferas da sociedade brasileira até os dias atuais. Aquilo que pode ser entendido como mero passado superado na história brasileira é, na verdade, uma ferida aberta ainda não cicatrizada, cujos efeitos práticos seguem atuando sobre corpos pretos e pardos em todo o território nacional (FERREIRA, 2019; NASCIMENTO, 2020). E, a fim de cumprir com a agenda de desumanização da população negra, vários foram os mecanismos implementados.

Em face desse cenário, a crítica aos conceitos positivistas de neutralidade e universalidade da ciência se impõe como necessária (CHRISMAN, 2012; EYTAN, 2024). Longe de ser um processo isento de valores, a produção científica é moldada por interesses e contextos sociais, frequentemente reforçando lógicas coloniais que perpetuam divisões entre grupos sociais. A alegação de universalidade, por sua vez, mascara uma perspectiva particular, frequentemente de origem europeia, que se sobrepõe a outras cosmovisões. Desse modo, a ciência atua como um instrumento de manutenção de poder, o que a impossibilita de alcançar a objetividade e a abrangência que lhe são atribuídas.

A hegemonia de um modelo de conhecimento empírico e escrito, validado pela revisão por pares, deslegitima saberes de tradição oral. Essa lógica define como universal um conhecimento de molde eurocêntrico, desconsiderando que suas premissas podem não se aplicar a outras realidades. Dessa forma, tradições indígenas, africanas e de outras culturas não-eurocêntricas são desvalorizadas, sendo categorizadas como crenças ou folclore (BERNARDINO-COSTA, 2018; WARNER; BROWN, 2011), em contraste com o rigor atribuído ao conhecimento científico.

Dentre essas estratégias de dominação completa da pessoa negra escravizada, destaca-se a colonialidade do saber (MIGNOLO, 2020), a qual compreende que tanto a figura do intelectual quanto a construção e validação do que é conhecimento científico perpassam pelo viés colonizador branco, masculino, europeu e hegemônico. O autor expõe que, nas sociedades ocidentais, o conhecimento é operado como ferramenta de dominação.

Sob essa ótica, não foram apenas os colonos flageladores e os governadores europeus que executaram a escravidão enquanto projeto econômico, político e social, mas também todos os acadêmicos e demais intelectuais que exerceram suas profissões em prol desses horrores, apoiando o colonialismo, os

ideais de embranquecimento e a supremacia branca sob ditas evidências científicas (CÉSAIRE, 2020). Nesse sentido, Davis (2016) afirma que tal hierarquização legitimou uma suposta superioridade das epistemologias eurocêntricas, atribuindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade da produção de saberes válidos e hipoteticamente neutros, consolidando-o enquanto dominante e inviabilizando a emergência de outros modelos de conhecimento.

Assim, desde o início da colonização no Brasil, pode-se dizer que a imagem do intelectual foi construída em torno da elite branca masculina, trabalhando a favor de seus interesses. Foi, portanto, uma categoria profissional e política representada pelo homem branco europeu, cujo interesse pela temática racial se restringia unicamente à criação de teorias mistificadoras sobre a realidade da população negra brasileira, defendendo ideias racistas e perpetuando lógicas estruturais discriminatórias (SILVA, 2023).

A inferiorização da pessoa negra, conforme Fanon (2022), manifesta-se em um duplo movimento de violência. Inicialmente, o corpo negro foi submetido à exploração econômica, despojado de autonomia, trabalho e terras sob o pretexto de uma suposta inferioridade racial. Subsequentemente, foi imposto um processo de "desculturação", que forçou a comunidade sequestrada a internalizar um novo idioma, símbolos e significados, em detrimento de suas identidades e de suas relações com o mundo. Mbembe (2018) corrobora com essa análise, ao descrever a escravidão como um estado de exceção que resultou na tripla perda do homem escravizado: de seu lar, do direito sobre seu corpo e de sua agência política. É neste contexto histórico que se inicia o processo de aniquilação subjetiva da população negra.

Em seus ensaios, Gramsci (1996) aponta para a intelectualidade e suas transformações ao longo do tempo na realidade europeia. O autor discorre sobre os intelectuais pertencentes às pequenas e médias burguesias, os quais, à época, tinham como função principal a intermediação entre as demandas dos cidadãos operários e a administração estatal. Todavia, esses moldes se alteram com o advento do capitalismo, cuja implicação direta na intelectualidade foi a emergência de um novo tipo de intelectual: o organizador técnico, especialista da ciência aplicada (GRAMSCI, 2004).

Segundo o teórico supracitado, ambas as classes intelectuais ainda existem; contudo, a predominância de cada categoria varia, a depender do contexto. Em suma, diferentes territórios podem conceber figuras distintas enquanto intelectuais, partindo da análise de sua função naquele segmento social em específico. Em contrapartida, Martins (1987) defende que a camada intelectual no Brasil é reflexo de uma importação malsucedida desse conceito cunhado na Europa, sendo, portanto, constituída por um grupo independente, público, elitizado, quantitativamente pequeno e sem um projeto de nação. Ideia esta reforçada por Pinheiro (2021) ao expor que a intelectualidade brasileira não hasteou um sistema de pensamento próprio como meio de emancipação, mas sim, fez uso do pensamento europeu como instrumento de autogestão social e política.

Os intelectuais brasileiros constituiriam, então, uma parcela homogênea. Mas, partindo da história do Brasil, não se pode afirmar que tal grupo se encaixa nesses moldes. Nascimento (2021) afirma que não se estuda a história vivida do negro no negro que está vivendo. Isto é, a autora entende que a camada intelectual do Brasil possui uma história ainda por fazer: a história da raça negra. Contemporâneos e posteriores a ela, diversos outros pensadores negros iniciaram suas reflexões acerca da realidade negra brasileira, apontando limitações, sofrimentos e potencialidades, bem como rompendo barreiras hegemônicas dentro da esfera acadêmica. Em linhas gerais, este foi um movimento que teve seu início na segunda metade do século XX, a partir da construção de uma identidade intelectual negra brasileira e das reivindicações dos negros e negras enquanto sujeitos produtores de saber (MATTA; MACHADO, 2021). É neste momento, então, que o reconhecimento da história brasileira em sua totalidade passa a ser discutido e amplificado pela comunidade negra, implicando em um novo enquadramento da produção de conhecimento teórico e prático no Brasil (SILVA; CHARIGLIONE, 2024; SILVA, HOCHDORN; CHARIGLIONE, 2024).

Solidifica-se, então, um enorme protagonismo negro dentro dos movimentos sociais, acadêmicos e políticos que visam à igualdade racial desde o século XX, refletindo a história de resistência traçada por essa população a contar do início da história documentada do Brasil (MOURA, 1983; NASCIMENTO, 2020; NASCIMENTO, 2021). Consequentemente, surge um novo enquadramento da produção de conhecimento no Brasil; fruto, também, da reivindicação da educação como uma das principais bandeiras de luta dessa camada social (MATTA; MACHADO, 2021).

No que tange à população negra, o componente da revolta é indissociável da sua intelectualidade e ação, pois "a revolta é condição necessária para construir liberdade, acesso a direitos, respeito por sua história e cultura" (OLIVEIRA, 2014, p. 86-87). Segundo o autor, revoltar-se é tarefa do negro intelectual. Diante disso, entende-se que a experiência social-subjetiva da negritude se inscreve na produção de conhecimentos teóricos e práticos de pessoas negras, caracterizando a ação conjunta liderada por essa população. E, novamente, é possível citar o protagonismo das mulheres negras, uma vez que o empoderamento dessa camada social se torna uma ferramenta de rejeição das dimensões de dominação que perpetuam a exploração e a mercadorização de corpos dissidentes (WILLIAMS, 2008).

Nestes moldes, Collins (2000) indica que proporcionar às mulheres descendentes de africanas novos saberes sobre as experiências negras é algo empoderador; mas que ativar epistemologias radicais, isto é, aquelas que colocam em xeque o conhecimento vigente e permitem uma nova definição da realidade em seus próprios termos, tem implicações concretas e subjetivas muito maiores. A autora afirma, ainda, que "o feminismo negro sugere que sempre existe escolha e poder para agir, não importa quão desoladora pareça a situação" (COLLINS, 2000, p. 456).

Outrossim, entende-se que, de acordo com as perspectivas decoloniais, o mundo está em constante transformação e reinvenção, e cabe a todos o papel de colaborar com a construção de novos significados. Em meio à união entre os seus semelhantes, há a promoção de uma consciência de pertencimento e de aceitação (DAVID, VICENTIN; SCHUCMAN, 2024), pois "a sensação permanente de não se sentir em casa, em vez de ser paralisante, se torna motor para a criação de modos singulares de existência diaspórica e matéria-prima para a produção artística, cultural, intelectual e política" (VEIGA, 2019, p. 246). E é através dessa aglutinação, ou ação conjunta, que alcançar-se-á a reconquista da liberdade e dignidade do negro enquanto pessoa humana, bem como o resgate de sua autodeterminação e soberania (NASCIMENTO, 2021). Perceber a potência dentro de si é, também, identificar as potencialidades do coletivo, pois é apenas no coletivo que se constitui aquilo que se é, também, individualmente.

METODOLOGIA

O presente estudo fundamentou-se no método dedutivo (BRANCO NETO, 2024), o qual se caracterizou por uma abordagem exploratória e explicativa quantos aos fins e por uma natureza qualitativa quanto aos meios, utilizando-se de um rigor bibliométrico no levantamento dos dados que seguiu as orientações de Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Metanálises (PRISMA) com algumas adaptações, uma vez que essas diretrizes foram delineadas para revisões sistemáticas e metanálises que avaliam estudos randomizados na assistência à saúde

Diferentes autores sugerem que as diretrizes PRISMA devem ser adaptadas quando o foco de uma revisão não seja específico da área de saúde, destacando revisões sistemáticas de eventos adversos, revisões sistemáticas de estudos de acurácia de testes diagnósticos e revisões de escopo, entre outros revisões da literatura possíveis (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015; PAGE *et al.,* 2021).

Das 27 diretrizes PRISMA (itens do *checklist* a serem incluídos no relato de revisão sistemática ou metanálise), esta revisão da literatura atendeu a 17, excluindo aqueles específicos para metanálises e descrição de fontes de financiamento (itens 12, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 24 e 27), não contemplados neste estudo de revisão de escopo e detalhados em Galvão, Pansani e Harrad (2025). A partir do uso dessas diretrizes, a pergunta desta revisão é: Qual o panorama das produções brasileiras sobre intelectualidade negra, publicadas em português, revisadas por pares e publicadas sem recorte de tempo?

Coleta de dados

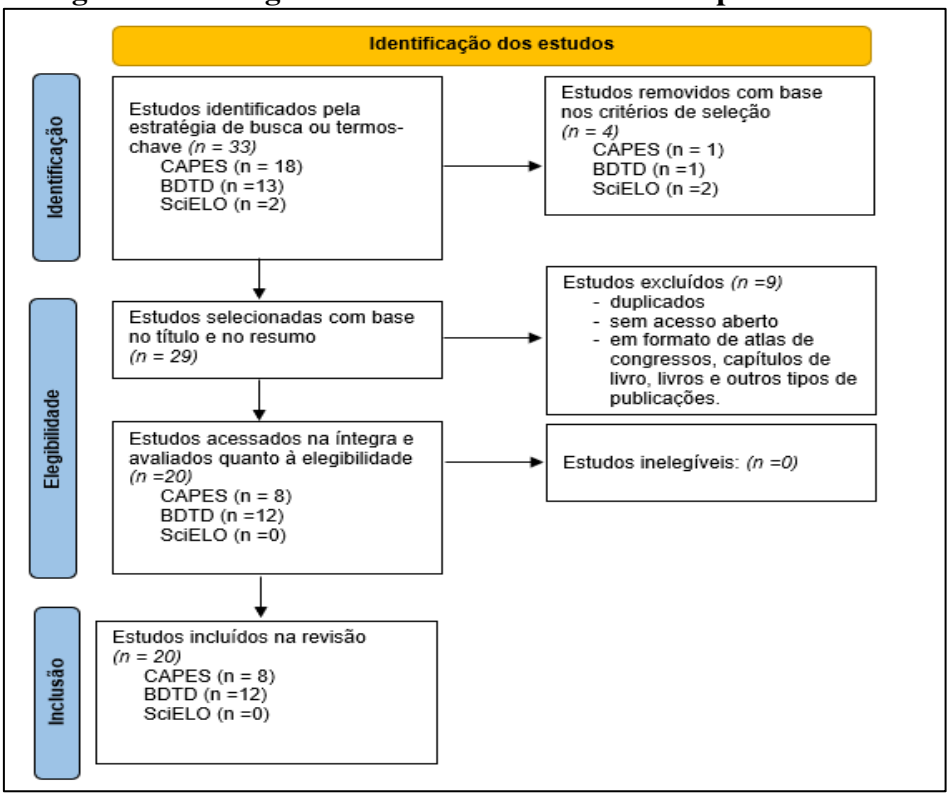
A coleta de dados foram feitas *online* na base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

e na Plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) – três das principais bases de dados científicos disponíveis no Brasil.

A busca foi realizada em novembro de 2023 e não contou com uma delimitação de tempo para a escolha dos trabalhos, visto a escassez de produções na área. Seguindo o objetivo de investigar o tema da intelectualidade negra no Brasil, foram utilizados como descritores os termos "intelectualidade" AND "negra" no campo do título e/ou resumo. Os critérios de inclusão na presente revisão sistemática de literatura foram: conter os termos supracitados no título e/ou resumo, ser escrito em língua portuguesa, discutir sobre a intelectualidade negra do Brasil e se tratar de algum artigo, dissertação ou tese. Foram excluídos todos os trabalhos que tangenciassem esse fenômeno de maneira marginal ou que abordassem a intelectualidade negra em outros países, que fossem desenvolvidos em línguas diversas e/ou que se tratassem de outras modalidades de escrita.

Inicialmente, foram encontrados 2 artigos na Plataforma SciELO, 13 dissertações e teses na BDTD e 18 artigos na CAPES, somando 33 trabalhos. Após a aplicação dos filtros de inclusão, foram excluídos: (a) 2 artigos da SciELO, que abordavam a intelectualidade negra em países distintos; (b) 1 dissertação da BDTD, a qual fugia do tema proposto; e (c) 7 artigos da CAPES por serem duplicados, 1 por ser enquadrado como outra modalidade de escrita, e 2 por serem publicados em espanhol. Deste modo, foram eleitos 20 trabalhos para a revisão, sendo 8 dissertações, 4 teses e 8 artigos (figura 1).

Figura 1 - Fluxograma de trabalhos selecionados para a análise



Fonte: Elaboração própria.

Definição da Amostra

A composição da amostra foi mediada por duas etapas, sendo: 1) leitura rigorosa dos títulos e resumos dos artigos, e 2) seleção dos artigos que respeitassem os critérios de elegibilidade e que tivessem congruência à questão norteadora. A seleção dos estudos foi um processo rigoroso e transparente, conduzido por três revisores independentes para mitigar vieses. Para a tomada de decisão, os revisores avaliaram cada estudo com base nos critérios de elegibilidade pré-estabelecidos. Os casos de discordância foram resolvidos por meio de um diálogo argumentativo e, quando necessário, com a participação de um terceiro revisor, garantindo a coesão e a objetividade da amostra final. Todos os artigos, dissertações e teses escolhidos foram lidos integral e minuciosamente, a fim de embasar o tratamento dos resultados – que serão mais bem apresentados e discutidos nas seções subsequentes.

Após a seleção dos trabalhos, estes foram analisados pelo método da Análise de Conteúdo de Bardin (SANTOS, 2012). Ademais, destaca-se que Análise de Conteúdo é uma técnica extremamente útil em revisões de literatura, visto que ela transpõe os limites expressos nas mensagens e revela novas dimensões e possibilidades de interpretação, enriquecendo a leitura sobre um determinado tema (AZEVEDO; SILVA; MAIA, 2021). Tendo isso em vista, deu-se prosseguimento ao processo de análise temática e divisão do corpus textual em categorias, com base na abordagem indutiva (BRAUN; CLARKE, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados revela que a produção acadêmica brasileira sobre a intelectualidade negra, embora crescente, ainda é incipiente. No entanto, ao aprofundarmos a discussão, é possível identificar importantes pontos de convergência e lacunas no campo, que se tornam mais evidentes quando confrontados com o estado da arte internacional. O fato de os trabalhos selecionados, em sua maioria, serem recentes (publicados nos últimos cinco anos) e de a temática ser transversal a diversas áreas do conhecimento aponta para uma emergência do debate no contexto nacional. Afinal, o trabalho mais antigo selecionado para a análise foi publicado em 2010, ainda que não tenha sido estabelecida uma delimitação de tempo na busca. Dentre as 20 produções escolhidas, 11 foram publicadas nos últimos cinco anos, indicando o quão recente é a sistematização desse conhecimento.

Também merece destaque a distribuição de produções por áreas de conhecimento. Percebe-se que poucas áreas começaram a se apropriar desse discurso: Educação, com oito estudos; História, com seis trabalhos; Sociologia, com quatro pesquisas; e Psicologia e Administração, com apenas uma produção cada. Por meio de uma análise de conteúdo, foi possível identificar os pontos de convergência e as

tendências na produção acadêmica sobre a intelectualidade negra. Essa abordagem permitiu agrupar os estudos em categorias temáticas, tais como as discussões sobre o conceito de intelectualidade negra, as figuras históricas e contemporâneas, e as metodologias de pesquisa empregadas. Após uma análise minuciosa dos trabalhos selecionados, pôde-se examinar a relação entre os seus conteúdos e o objeto de estudo da presente revisão, resultando em duas categorias temáticas para a discussão: *(i) Negros intelectuais existem?; (ii) O que é uma intelectualidade propriamente negra?* A divisão dos trabalhos por categoria consta no Quadro 1.

Quadro 1 - Divisão dos trabalhos por categorias temáticas

CATEGORIA 1: Negros intelectuais existem?
OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. *Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual*: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
CAREGNATO, Lucas. *Intelectualidade negra feminina*: análise das trajetórias acadêmicas e militantes de Petronilha Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2022.
ROCHA, Gabriel dos Santos. *O negro como tema e sujeito na produção intelectual de Abdias do Nascimento, 1944-1968*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
SILVA, Wanessa Horrana Francisca da. *Trajetória política e intelectual de Clóvis Moura (1959-1989)*: quilombagem, práxis negra e antirracismo de um intérprete do Brasil. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
JESUS, Matheus Gato. *Negro, porém republicano*: investigações sobre a trajetória intelectual de Raul Astolfo Marques (1876-1918). 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
CATEGORIA 2: O que é uma intelectualidade propriamente negra?
COUTINHO, Gabriela dos Santos; OLIVEIRA, Talita; ARRUDA, Dyego de Oliveira. Insubordinações críticas da intelectualidade negra brasileira: um olhar a partir da atuação do NEABI/CPII. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 39, p. e41586, 2023.
GAUDIO, Eduarda Souza; PASSOS, Joana Célia. A insurgência da intelectualidade negra em cursos de Pedagogia do Sul do Brasil. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, p. 1–19, 2022.
GONZAGA, Paula Rita Bacellar. *"A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo"*: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
RODRIGUES, Ozaias da Silva; CARMO, Nádia Amaro do. O corpo e a intelectualidade negra desvencilhados do etnocentrismo branco. *O Público e o Privado*, Fortaleza, v. 20, n. 43 set/dez. 2023.
EVANGELISTA, Lázaro de Oliveira; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa; ROCHA, Cristianne Maria Famer. Escrevivências, narrativas autobiográficas e intelectualidade negra: a escrita acadêmica como resistência. *Inter-ação*, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1330–1344, 2021.
MÜLLER, Henrique da Rosa. O negro e a marginalização social: uma aproximação teórica entre a intelectualidade negra, a teoria decolonial e o marxismo. *Revista Fim do Mundo*, Marília, v. 2, n. 4, p. 202–227, 2021.
OLIVEIRA, Neuza Maria Sant'Anna. A mulher negra e a busca pela intelectualidade: derrubando barreiras e construindo caminhos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 293–310, 2015.
REIS, Ruan Levy Andrade. *Letras de fogo, barreiras de lenha*: a produção intelectual negra paulista em movimento (1915-1931). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
SILVA, Jhonata da Costa. *Intelectualidade negra*: uma construção periférica do pensamento social e político brasileiro no início do século XX. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Sociologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2018.
CONCEIÇÃO, Luciane dos Reis. *Mercafro*: plataforma de suporte ao desenvolvimento da intelectualidade negra. 2021 Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa. *Intelectualidades negras e constituição de um êthos negro pesquisador*. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.
GUIRRO, Leandro Antônio. *Intelectualidade e imprensa negra paulista*: os casos do Getulino e Progresso (1923-1931). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.
LIMA, Alex Benjamim. *Em tintas negras*: cultura impressa e intelectualidade em A Voz da Raça (1933-1937). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.
SANTOS, Amauri Júnior Silva. Visibilizando os sujeitos históricos: movimento negro, a intelectualidade acadêmica e a emergência da Lei n. 10.639/03. *História & Ensino*, Londrina, v. 22, n. 2, p. 229–246, jul./dez. 2016.
SILVA, Sulamita Rosa da. Intelectualidade negra em ação: entre o não lugar e o protagonismo na produção de saberes. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 75–91, 2019.

Fonte: Elaboração própria.

É importante destacar que a ausência de uma sistematização conceitual do termo "intelectualidade negra", destacada por este estudo, ecoa a necessidade de maior aprofundamento teórico em um campo já consolidado em outras partes do mundo. A literatura internacional, por exemplo, discute a intelectualidade diaspórica e a epistemologia negra há décadas, com autores como Du Bois e Frantz Fanon (DU BOIS, 1903; FANON, 1961), que estabeleceram as bases para o entendimento da produção de saberes a partir da experiência da negritude. Assim, a discussão da intelectualidade negra no Brasil se mostra ainda em fase de amadurecimento, focada em validar a existência do fenômeno, em oposição a uma análise aprofundada de suas ramificações e implicações.

Dessa forma, a presente discussão vai além da simples constatação de resultados, estabelecendo uma análise comparativa entre a produção brasileira e a literatura global, o que permite identificar as particularidades do debate no país, assim como as potenciais contribuições de um diálogo mais robusto e constante com a pesquisa internacional. A ausência de um olhar estrangeiro sobre a temática no Brasil se configura, portanto, como uma limitação que deve ser superada para o avanço do conhecimento no campo.

O século XX ampliou o debate sobre a temática racial. Em 1978, o Movimento Negro Unificado retomou o ativismo pela igualdade racial, pautando o direito à educação e empregabilidade como uma de suas principais reivindicações (GOMES, 2010; THEODORO, 2014; STROBL; ARRUDA, 2023). Ao resgatar manifestações e documentos elaborados desde o início do período pós-abolição, é possível constatar que a escolarização formal sempre foi concebida por militantes negros como uma via de acesso ao mundo, à mobilidade social e à humanização outrora negada.

Contudo, ainda que essa demanda tenha ganhado visibilidade há quase 50 anos, os índices educacionais seguem desfavoráveis para a população negra brasileira (ULGUIM *et al.,* 2025). Em 2022, pessoas pretas e pardas apresentaram mais do que o dobro de chances de serem analfabetas, quando comparadas à população branca (IBGE, 2023). Além disso, percebe-se que, quanto mais alto o nível de escolarização, menos pessoas negras se fazem presentes – refletindo, também, na construção de conhecimentos dissidentes.

Esse fato é corroborado pela escassez de produções sobre a intelectualidade negra. Até pouco tempo atrás, não se concebia a possibilidade de existir uma intelectualidade própria à essa identidade étnico-racial, tampouco existiam pesquisadores interessados nesse fenômeno dentro da academia. Os achados da presente pesquisa reforçam tal argumento, visto o modesto quantitativo de trabalhos sobre o tema. Contudo, destaca-se, também, o aumento no número de produções nos últimos cinco anos.

Aqui, faz-se fulcral pontuar a política de cotas (Lei n.º 12.711) como fator propulsor deste singelo entusiasmo observado nos últimos anos. A Lei de Cotas, sancionada no dia 29 de agosto de 2012, teve como objetivo ampliar o acesso de toda a população à educação superior brasileira, viabilizando o ingresso

da camada negra brasileira em renomadas instituições de ensino, em nome de uma reparação histórica estatal pelo passado colonial escravocrata. E, a partir da entrada de novos segmentos identitários, novos conhecimentos ganham forma, diversificando a intelectualidade nacional (BRASIL, 2012).

Portanto, não é fruto do acaso que mais de 50% dos trabalhos selecionados para a análise tenham sido publicados desde 2019 – sete anos após a sanção da Lei de Cotas. Este é um reflexo dos efeitos a curto, médio e longo prazo da referida política, a qual lentamente abre margem para novas percepções sobre fenômenos distintos a partir da maturação científica de uma nova camada produtora de conhecimento. Assim, o papel do intelectual brasileiro vem sendo ocupado por diferentes sujeitos, conforme será discutido na primeira categoria de análise do presente trabalho, à luz dos estudos aqui analisados.

Categoria 1: Negros intelectuais existem?

Em sua tese, Oliveira (2014) discorre sobre a construção do termo "intelectual", entendendo-o enquanto um construto fruto de determinado contexto sociocultural e político europeu. Este mesmo cenário, ao longo dos séculos, alocou a negritude e termos derivados como conceitos negativos, imbuídos de significados que configuram um ponto de fuga. Há, aqui, uma contradição a partir da junção de dois termos textuais que não costumam andar juntos: a palavra "intelectual", que remete à excelência, ao saber, às capacidades, e a palavra "negro", que estruturalmente foi moldada em volta da subserviência, inferiorização, ininteligibilidade. Existem, então, negros intelectuais?

Na presente revisão de literatura, destacou-se a quantidade de trabalhos que abordam especificamente a trajetória de algum negro intelectual reconhecido por sua caminhada, em especial no século XX. Durante esse período, cresceu o número de pensadores que teorizavam sobre a questão racial no Brasil, estando essa muitas vezes contida na discussão acerca do suposto atraso desenvolvimentista do país (BASTOS, 2014). Em sua maioria, esses teóricos almejavam, entre outras coisas, abafar o legado da cultura afro-brasileira neste território. Porém, na segunda metade do século XX, destacam-se novos paradigmas de construção do pensamento social brasileiro, figurando negros intelectuais enquanto protagonistas (GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2020).

Nesse sentido, em seu produto final de doutorado, Caregnato (2022) analisa o processo de tornar-se intelectual de Petronilha Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes, a fim de compreender a relação entre educação e identidade étnico-racial. O autor pontua que, para Petronilha, o pensamento negro em educação precedeu o próprio movimento negro organizado (CAREGNATO, 2022). Isso porque o movimento negro como se conhece atualmente data da década de 1970, e sua fortificação foi estimulada,

principalmente, pela presença de professoras negras na educação primária. Essa ideia é corroborada pelo pensamento de Nilma Lino Gomes, uma vez que a educadora pontua que suas vivências articuladas enquanto mulher negra e professora da educação básica possibilitaram uma visão holística acerca da presença da racialidade nos processos educativos. Assim, professoras negras adentraram o espaço da educação básica munidas não apenas do pensamento escolarizado, como também dos saberes construídos em suas famílias e comunidades. Por meio dessa difusão de conhecimento e ampliação de diálogos, o movimento negro se fortaleceu e estabeleceu suas reivindicações.

Aqui, faz-se fulcral assinalar que tanto o trabalho de Oliveira (2014) quanto o trabalho de Caregnato (2022) reconhecem a atuação do educador como algo indissociável das tensões raciais presentes na sociedade. Contudo, vale ressaltar o componente de gênero enquanto um marcador social relevante nessa associação. Ao retratar a realidade estadunidense, Davis (2016) debate sobre a relevância da mulher negra nos movimentos por igualdade racial. De acordo com a autora, foi a participação ativa da camada negra feminina que garantiu efetividade às reivindicações do movimento negro em si, visto que, apesar de serem vítimas do machismo dos seus próprios colegas homens dentro da militância, elas ainda permaneceram na luta pela ampliação de suas vozes.

Já no que tange à realidade brasileira, Gonzalez (2020) traçou análises sobre a importância da mulher negra na formação social e cultural do Brasil. Em seus ensaios, a pensadora situa a mulher preta e parda em um local de protagonismo na história brasileira, haja vista a sua presença imposta em diversos ambientes desde o início da história nacional documentada: nas reivindicações dentro das revoluções e movimentos sociais, no seio familiar de famílias brancas enquanto a mãe-preta de suas crianças, no serviço doméstico, etc. Não se pode negar que todos esses caminhos se cruzam, alocando a mulher negra brasileira em uma interseção de violências que a confere competência e, também, a necessidade de se engajar e liderar movimentos sociais, tornando-as referência de luta para muitos militantes e pesquisadores que vieram depois.

O fato de que muitas dessas mulheres assumiram posições de liderança em movimentos pela equidade racial indica que há, por meio dessa conjugação de vivências, a construção de algum tipo de intelectualidade. Mas, ao investigar o processo de tornar-se negro-intelectual, Oliveira (2014) afirma que ser um negro intelectual é uma tarefa mais complexa do que a mera união da pessoa negra à ideia de intelectualidade preconcebida.

É curioso pensar que, dentro dos trabalhos publicados sobre a figura do intelectual, este é ora um sujeito mediador, ora um sujeito técnico-prático (GRAMSCI, 1996, 2004). Nos poucos estudos que se tem sobre essa transposição de conceito para o Brasil, costuma-se enquadrar o indivíduo intelectual em uma elite quantitativamente pequena. De certa forma, todas essas concepções estão circunscritas a uma

ideia de moderação, postura e reconhecimento social, que não necessariamente se aplicam à realidade negra nacional. Oliveira (2014) rompe esse paradigma ao enfatizar que, no caso da população negra, o componente da revolta é indissociável da intelectualidade, pois "a revolta é condição necessária para construir liberdade, acesso a direitos, respeito por sua história e cultura" (p. 86-87). Segundo o autor, revoltar-se é tarefa do negro intelectual.

O autor cita, ainda, Abdias do Nascimento como um exemplo de negro intelectual reconhecido por suas produções e revoltas. Em seu célebre ensaio, Nascimento (2020) enfatiza ser parte da matéria investigada, pois sua produção intelectual é um testemunho pessoal cruzado de reflexões e críticas pertinentes à construção de conhecimento – apontando para uma perspectiva contra-hegemônica sobre o que seria um conhecimento válido (BERNARDINO-COSTA, 2018; MIGNOLO, 2020). Rocha (2016) elabora sua tese com uma análise minuciosa sobre este pensador, e reforça que Abdias foi uma figura importante no reenquadramento do negro brasileiro enquanto agente social protagonista de seu tempo e da humanidade, reivindicando espaços historicamente negados à população afrodescendente por meio de mobilizações políticas, sociais e artísticas.

Essas ideias também são significativamente exploradas por Silva (2021) em sua dissertação sobre a trajetória política e intelectual de Clóvis Moura, renomado intérprete do Brasil. A autora situa Clóvis como um dos principais defensores da agência negra na história do Brasil, enquadrando a escravidão como o fato histórico-social mais importante para a formação brasileira. Moura (1983) defende que é a partir da revolta que o negro brasileiro se humaniza, pois é pela via das reivindicações que essa parcela da população manifesta seus desejos, necessidades e potencialidades. Em outras palavras, a escravidão horizontalizou o negro escravizado, que se reconstitui enquanto ser por intermédio da revolta.

Outra figura histórica destacada por produções acadêmicas foi Raul Astolfo Marques, escritor negro nascido nos tempos de escravidão. Jesus (2010), em sua dissertação, cunhou a frase *"negro, porém republicano"*, para esmiuçar as contradições sociais que sufocam pessoas negras no Brasil. De acordo com o autor, "a utopia de melhorar a vida subsiste num processo de ajuste em que os próprios símbolos da opressão são incorporados, mas de modo a obedecer a lógica simbólica tradicionalmente arraigada" (p. 10). E, por isso, a camada negra nacional busca manter sua autonomia cultural e intelectual no novo regime pelos próprios códigos dominantes. Ou seja, é por meio da revolta dentro do sistema que pessoas negras exprimem seus desejos de mudança.

Percebe-se, então, que uma parcela significativa dos trabalhos encontrados está centrada em figuras específicas de negros intelectuais brasileiros, em especial aqueles que construíram suas trajetórias no decorrer do século XX. Vale ressaltar que todos os produtos encontrados sob esses moldes são dissertações e teses, indicando que foram frutos de uma longa pesquisa dedicada à investigação dessas

trajetórias. Sendo assim, *existem negros intelectuais?* Ora, existem. Não apenas existem, como foram sujeitos estudados por pesquisadores justamente pela dimensão da intelectualidade, ressaltada em um momento histórico ainda menos favorável a essa emergência. Todavia, há um fator comum entre todos os negros intelectuais aqui listados: a esfera da revolta e da militância.

É nítido que, dentro dos trabalhos analisados, o desenvolvimento da intelectualidade negra necessariamente perpassa pela insatisfação com o mundo e pelo desejo de mudança. Além disso, entende-se que negros intelectuais fogem da esfera acadêmica e ocupam, também, espaços de movimentos sociais, ampliando suas vozes e reverberando suas reivindicações. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018) defendem que a decolonialidade é, portanto, um projeto político-acadêmico que tem como primeiro plano a luta política das mulheres negras, dos diversos movimentos negros, dos jovens da periferia, dos quilombolas e de todos os demais agentes que atuam em prol desse projeto de sociedade.

Categoria 2: O que é uma intelectualidade propriamente negra?

Essa categoria temática emerge a partir da reflexão de que, se existem negros cuja dimensão da intelectualidade é reconhecida por meio da associação entre conhecimento e militância ativa, há, portanto, uma intelectualidade propriamente negra; isto é, uma intelectualidade que se diferencia daquela originalmente atribuída aos intelectuais brancos. Neste sentido, Coutinho, Oliveira e Arruda (2023) pontuam que, desde 1990, a figura do intelectual negro é ampliada, impactando no crescimento do quantitativo de pessoas negras engajadas nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e na grande luta em prol da superação do racismo. O resultado dessa movimentação é, sobretudo, a construção de novos enredos, os quais compreendam a relevância da participação africana e afro-brasileira na composição histórica nacional e retirem pessoas pretas e pardas deste suposto lugar de assistência em uma luta que é eminentemente sua (SANTOS, 2016).

Gomes (2010) define o intelectual negro como "aquele profissional que constrói sua trajetória de produção, reflexão e intervenção na interatividade entre o *ethos* político da discussão da temática racial e o *ethos* acadêmico-científico adquirido no mundo da ciência moderna" (p. 500). Essa é uma definição utilizada por alguns dos estudos aqui abordados, reforçando a associação entre os saberes acadêmicos e sociais desenvolvidos por pensadores negros e negras (COUTINHO; OLIVEIRA; ARRUDA, 2023; GAUDIO; PASSOS, 2022). Tais estudos entendem que as perspectivas negras decoloniais, hoje amplamente debatidas nos centros de produção de conhecimento, são fruto dessa articulação.

Não obstante, Siqueira (2022) situa as teorizações decoloniais enquanto uma oposição à noção universal de ciência, uma vez que a produção do conhecimento deve ser problematizada e contextualizada

nas esferas políticas, históricas, éticas, geográficas e sociais dos indivíduos em questão. Sabe-se que o discurso que classifica e subalterniza o outro é, concomitantemente, preconizador e mantenedor do sistema colonial (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016), e, sob esta ótica, a decolonialidade se engrandece porque, mediante a entrada de uma nova população nesses espaços de produção de saber, tornou-se nítido que o modelo preestabelecido de intelectualidade não poderia ser visto como universal.

Contudo, o sistema colonial segue se atualizando, reforçando a narrativa de que a intelectualidade não é uma possibilidade para pessoas pretas e pardas, especialmente para aquelas do gênero feminino (GONZAGA, 2019; OLIVEIRA, 2015; RODRIGUES; CARMO, 2023). A demarcação de gênero na análise da intelectualidade negra também apareceu nesta categoria temática, ainda que de maneira singela. Em seu artigo, Silva (2019) discorre sobre o tratamento subalternizado destinado a ela, mulher negra pesquisadora, ao longo de sua trajetória acadêmica. Por sua vez, Oliveira (2015) expõe diversas entrevistas realizadas com mulheres negras, na tentativa de descobrir se elas se consideravam intelectuais. Após tantos encontros, a autora notou que todas as participantes receberam esse questionamento com estranheza, pois definiam a figura do intelectual enquanto "aquele cara que escreve livros", "aquele poeta renomado" ou "aquele professor universitário"; ou seja, todos homens – como se a intelectualidade fosse restrita a essa camada populacional, tornando-se inatingível para elas.

Já são várias as teóricas que discorrem sobre a dimensão do cuidado enquanto afazer imposto às mulheres negras na sociedade ocidental. Passos (2020) afirma que a distribuição das tarefas é determinada pelo gênero dos indivíduos em questão, estando esses sujeitos a um aprofundamento das violências, a depender de sua raça e classe. A autora pontua que, no caso das mulheres negras, é justamente o diálogo entre gênero, raça e classe que as prende na execução do trabalho doméstico e de cuidados. Em seus ensaios, Gonzalez (2020) também discute o confinamento da parcela negra feminina nesses serviços. De acordo com seus escritos, bem como os de Rodrigues e Carmo (2023) e hooks (1995), à mulher negra se atribui a ideia de corpo, na tentativa de apagar sua esfera intelectual, visto que essa dimensão não consta no projeto colonial destinado a ela.

Desse modo, percebe-se que diferentes marcadores sociais afetam pessoas negras de maneira distinta, ainda que todas estejam em posições de desvantagens estruturais. No que tange à intelectualidade, Evangelista, Siqueira e Rocha (2021) defendem a negritude como uma identidade extremamente heterogênea e multifacetada, a qual reúne inúmeros repertórios de saberes e experiências sociais que não se resumem a uma identidade intelectual moldada pelas perspectivas eurocêntricas. Compreender tal complexidade é, também, lutar contra o estereótipo de que a pessoa negra é essencialmente definida pelo corpo, retirando as esferas da racionalidade e da produção de conhecimentos que também estão presentes na subjetividade negra.

Não é novidade que, ao longo dos séculos, foi difundida a ideia de que o colonizador europeu era a definição de um ser humano evoluído, civilizado e detentor de saberes. Ao homem branco, foi atribuída a crença de racionalidade. À pessoa negra, foi atribuída a habilidade corporal, retratando a população negra não apenas como incapaz de produzir conhecimentos, mas também de estabelecer vínculos afetivos (BERNARDINO-COSTA, 2018; RODRIGUES; CARMO, 2023). Müller (2021) alega que essa divisão operou em prol da desumanização de pessoas negras, a fim de torná-las meras ferramentas descartáveis de trabalho e estabelecer um ordenamento social.

Embora a corporeidade seja, de fato, um elemento de suma importância na existência e resistência negra brasileira, sabe-se que, por muito tempo, ela foi utilizada pelo modelo eurocêntrico como ferramenta para tentar diminuir a racionalidade dos afrodescendentes, como se ambas as esferas fossem mutuamente excludentes. Assim, tentaram domesticar o corpo negro, mas nunca conseguiram dominar a dimensão intelectual dessa população (GONZAGA, 2019) – motivo esse pelo qual pessoas negras sobreviveram até os dias atuais, transmitindo conhecimentos de geração em geração e potencializando suas lutas.

Sob essa ótica, foi identificado que todos os trabalhos que se debruçaram sobre a intelectualidade negra, de modo geral, resgataram esses elementos históricos em suas análises. A transição entre o negro como objeto de pesquisa até o negro enquanto produtor de conhecimento foi destacada como um marco relevante na construção de uma intelectualidade propriamente negra (GONZAGA, 2019; OLIVEIRA, 2015; REIS, 2017; SILVA, 2018). De acordo com os autores, é partindo desse reenquadramento da figura do negro na ciência que novas teorias ganham forma e visibilidade. Mas o que é, de fato, uma intelectualidade propriamente negra?

Gaudio e Passos (2022) afirmam que as epistemologias produzidas por pessoas negras tiveram origem nas suas respectivas experiências sociais, ou seja, na prática cotidiana de sujeitos que não receberam o devido reconhecimento da ciência moderna. Por isso, os autores alegam que "a chave central das produções formuladas por esses sujeitos está na ressignificação do termo raça, a partir da destituição do seu sentido biológico para a construção política e social que o termo exprime" (p. 3). Aqui, reforça-se o pressuposto de que tal produção de conhecimento data de séculos atrás, abarcando a longa tradição de resistência das populações negras, antes mesmo de suas sistematizações acadêmicas (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFOGUEL, 2018).

Ainda que essa definição esteja situada majoritariamente no campo teórico, é notável como ela já vem sendo aplicada em esferas mais práticas desde o século XX. Guirro (2013) elaborou sua dissertação abordando os jornais *Getulino* e *Progresso*, dois exemplares da imprensa negra paulista idealizados no decorrer da década de 1920, cujo principal objetivo não se localizava no âmbito lucrativo, mas sim, na manifestação de uma pequena classe-média negra contra as ordens hegemônicas vigentes, buscando

contribuir com a inserção do negro na sociedade. Por sua vez, Lima (2011) destaca o jornal *A Voz da Raça*, fundado na década de 1930, que também abrangeu aspectos como cor e raça na delimitação de balizas identitárias substanciais na autovalorização da população negra, pouco tempo depois da abolição da escravatura.

Já nos dias atuais, Conceição (2021) buscou analisar a compreensão das plataformas empresariais sobre o papel da intelectualidade negra brasileira em seus processos formativos. A autora define a sociodiversidade empreendedora afro-brasileira, bem como sua intelectualidade, a partir da consideração da sua "coletividade, seus saberes, modo de vida, espiritualidade, espaço de pertença, elo com seus antepassados e ocupação enquanto grupo étnico na territorialidade brasileira" (p. 25).

Ao elencar os estudos que abordaram trajetórias específicas de intelectuais negros, tornou-se perceptível a íntima relação que todos eles estabeleceram com os movimentos sociais. E, agora, ao analisar o que os estudos retratam enquanto uma intelectualidade propriamente negra, um ponto que chama a atenção é o de que nenhum trabalho definiu a intelectualidade negra em si. Todavia, todos resgataram a esfera das experiências como parcela constitutiva da produção de conhecimento negro – como se a intelectualidade negra fosse, de fato, uma intelectualidade em constante construção, em um infinito vir-a-ser, haja vista que a concepção de uma intelectualidade "pronta" foi, na verdade, algo imposto pelo colonizador.

Percebe-se, então, que todos os estudos selecionados para a presente análise entendem a intelectualidade do negro como uma esfera incorporada. Isto é, como se a produção de conhecimento das pessoas negras brasileiras estivesse essencialmente calcada nas experiências que os corpos pretos e pardos vêm vivenciando desde a chegada do primeiro navio negreiro no Brasil. Há, então, um resgate da corporeidade negra como elemento presente na intelectualidade dessa camada social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central realizar uma revisão sobre a intelectualidade negra no Brasil, a fim de explorar como esse conceito vem sendo abordado pela comunidade científica nacional. Os resultados desta análise nos permitiram chegar a conclusões importantes. Em primeiro lugar, verificou-se que a produção acadêmica sobre o tema ainda é modesta, mas tem apresentado um aumento significativo nos últimos cinco anos. Esse crescimento está diretamente relacionado à Lei de Cotas (Lei nº 12.711), que possibilitou o ingresso de mais estudantes negros nas universidades e, consequentemente, a produção de conhecimentos a partir de novas perspectivas.

A partir da análise dos 20 trabalhos selecionados, conclui-se que a intelectualidade negra não é um conceito fixo, mas sim uma manifestação intrinsecamente ligada à vivência, à revolta e à militância política. A literatura examinada aponta que ser um intelectual negro é uma tarefa mais complexa do que a simples união do conceito europeu de intelectualidade com a pessoa negra. Ao contrário, a produção de conhecimento por intelectuais negros é um projeto contra-hegemônico que rompe com paradigmas dominantes, tornando indissociáveis a experiência social e a produção de saberes.

Apesar das contribuições deste estudo, reconhecemos algumas limitações que devem ser consideradas. A escassez de produções sobre o tema no Brasil nos impediu de estabelecer um recorte temporal, e a pesquisa ficou restrita a artigos, teses e dissertações em língua portuguesa, limitando o diálogo com a literatura internacional. Além disso, a revisão se concentrou em apenas três bases de dados (CAPES, BDTD e SciELO) e identificou que poucas áreas do conhecimento se apropriaram do discurso sobre a intelectualidade negra. Um ponto crucial e que merece atenção é que, segundo os próprios trabalhos revisados, ainda não há uma sistematização do termo "intelectualidade negra", indicando uma lacuna na validação das experiências negras na academia.

Com base nessas considerações, que pesquisas futuras possam realizar uma revisão de literatura mais ampla, incluindo produções em outras línguas e bases de dados para enriquecer o debate e contextualizar a intelectualidade negra brasileira no cenário global. Se faz importante também a condição de estudos empíricos que investiguem a trajetória de intelectuais negros contemporâneos e como suas produções dialogam com a militância e com a academia. Ademais, explorar o tema da intelectualidade negra em áreas do conhecimento que ainda não o abordaram, como a Psicologia e a Administração se faz necessário, assim como, analisar os efeitos de longo prazo da Lei de Cotas na produção acadêmica e na diversificação da intelectualidade nacional.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. K. L.; SILVA, C. M. P.; MAIA, A. L. “O papel da gestão de enfermagem na implementação da meta de cirurgia segura: uma revisão de literatura”. **Research, Society and Development**, vol. 10, n. 14, 2021.

BASTOS, E. R. “A construção do debate sociológico no Brasil”. **Ideias**, vol. 4, 2014.

BERNARDINO-COSTA, J. “Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal”. **Sociedade e Estado**, vol. 33, n. 1, 2018.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFOGUEL, R. “Decolonialidade e perspectiva negra”. **Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, 2016.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Editora Autêntica, 2018.

BRANCO NETO, W. C. "Estamos ficando burros para os computadores parecerem inteligentes: os perigos da inteligência artificial". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 18, n. 54, 2024.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Brasília: Planalto, 2012. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/06/2025.

BRAUN, V.; CLARKE, V. "Using thematic analysis in psychology". **Qualitative Research in Psychology**, vol. 3, n. 2, 2006.

CAREGNATO, L. **Intelectualidade negra feminina**: análise das trajetórias acadêmicas e militantes de Petronilha Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes (Tese de Doutorado em Educação). São Leopoldo: Unisinos, 2022.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o Colonialismo**. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

CHRISMAN, L. "Whose black world is this anyway? Black atlantic and transnational studies after The Black Atlantic". *In*: LEDENT, B.; CUDER-DOMÍNGUEZ, P. (eds.). **New perspectives on the black atlantic**: definitions, readings, practices, dialogues. Bern: Peter Lang, 2012.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and politics of empowerment. New York: Routledge, 2000.

CONCEIÇÃO, L. R. **Mercafro**: plataforma de suporte ao desenvolvimento da intelectualidade negra (Dissertação de Mestrado em Administração). Salvador: UFBA, 2021.

COUTINHO, G. S.; OLIVEIRA, T.; ARRUDA, D. O. "Insubordinações críticas da intelectualidade negra brasileira: um olhar a partir da atuação do NEABI/CPII". **Educação em Revista**, vol. 39, 2023.

DAVID, E. C.; VICENTIN, M. C. G.; SCHUCMAN, L. V. "Desnortear, aquilombar e o antimanicolonial: três ideias-força para radicalizar a Reforma Psiquiátrica Brasileira". **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 29, n. 3, 2024.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 248 p.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas da gente negra**. S São Paulo: Editora Veneta, 1998.

EVANGELISTA, L. O.; SIQUEIRA, C. F. C.; ROCHA, C. M. F. "Escrevivências, narrativas autobiográficas e intelectualidade negra: a escrita acadêmica como resistência". **Inter-ação**, vol. 46, 2021.

EYTAN, Y. "A constructive critique of the dialectical aspect of positive psychology's second wave". **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, vol. 27, 2024.

FANON, F. **Les damnés de la terre**. Paris: La Découverte, 1961

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

FERREIRA, N. T. "Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial". **Ensaio: Avaliação De Políticas Públicas Educacionais**, vol. 27, n. 104, 2019.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. "Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA". **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, vol. 24, n. 2, 2015.

GAUDIO, E. S.; PASSOS, J. C. "A insurgência da intelectualidade negra em cursos de Pedagogia do Sul do Brasil". **Práxis Educativa**, vol. 17, 2022.

GOMES, N. L. "Intelectuais negros e produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira". *In*: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

GONZAGA, P. R. B. **"A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo"**: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais (Tese de Doutorado em Psicologia). Belo Horizonte: UFMG, 2019.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. **Lettere dal carcere**: 1926-1937. Palermo: Sellerio, 1996.

GUIRRO, L. A. **Intelectualidade e imprensa negra paulista**: os casos do Getulino e Progresso (1923-1931) (Dissertação de Mestrado em História). Assis: Unesp, 2013.

HOOKS, B. "Intelectuais Negras". **Revista Estudos Feministas**, vol. 3, n. 2, 1995.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10/07/2025.

JESUS, M. G. **Negro, porém republicano**: investigações sobre a trajetória intelectual de Raul Astolfo Marques (1876-1918) (Dissertação de Mestrado em Sociologia). São Paulo: USP, 2010.

LIMA, A. B. **Em tintas negras**: cultura impressa e intelectualidade em A Voz da Raça (1933-1937) (Dissertação de Mestrado em História). Assis: Unesp, 2011.

MARTINS, L. "A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil, 1920 a 1940". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 2, n. 4, 1987.

MATTA, B. A. R.; MACHADO, R. C. F. "A intelectualidade negra e a produção científica: um olhar decolonial". **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, vol. 39, n. 2, 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MOURA, C. "Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo". **Afro-Ásia**, n. 14, 1983.

MÜLLER, H. R. "O negro e a marginalização social: uma aproximação teórica entre a intelectualidade negra, a teoria decolonial e o marxismo". **Revista Fim do Mundo**, vol. 2, n. 4, 2021.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processos de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

OLIVEIRA, E. R. **Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual**: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual (Tese de Doutorado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2014.

OLIVEIRA, N. M. S. "A mulher negra e a busca pela intelectualidade: derrubando barreiras e construindo caminhos. Revista Interinstitucional Artes de Educar". **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, vol. 1, n. 2, 2015.

PAGE, M. J. *et al*. "The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews". **International Journal of Surgery**, vol. 88, 2021.

PASSOS, R. G. "Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial". **Revista em Pauta**, vol. 18, n. 45, 2020.

PINHEIRO, M. M. "A dinâmica da recepção: a intelectualidade brasileira e o ingresso do pensamento europeu do século XIX". **Sociologias Plurais**, vol. 7, n. 1, 2021.

REIS, R. L. A. **Letras de fogo, barreiras de lenha**: a produção intelectual negra paulista em movimento (1915-1931) (Dissertação de Mestrado em História). São Paulo: USP, 2017.

ROCHA, G. S. **O negro como tema e sujeito na produção intelectual de Abdias do Nascimento, 1944-1968** (Dissertação de Mestrado em História). São Paulo: USP, 2016.

RODRIGUES, O. S.; CARMO, N. A. "O corpo e a intelectualidade negra desvencilhados do etnocentrismo branco". **O Público e o Privado**, vol. 20, n. 43 2023.

SANTOS, A. J. S. "Visibilizando os sujeitos históricos: movimento negro, a intelectualidade acadêmica e a emergência da Lei n. 10.639/03". **História e Ensino**, vol. 22, n. 2, 2016.

SANTOS, F. M. "Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin". **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 6, n. 1, 2012.

SILVA, J. C. **Intelectualidade negra**: uma construção periférica do pensamento social e político brasileiro no início do século XX (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Seropédica: UFRRJ, 2018.

SILVA, P. T. **Deus é uma mulher preta**?: as representações sociais construídas por mulheres negras idosas do Distrito Federal sobre seus envelhecimentos (Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar). Brasília: UnB, 2023.

SILVA, P. T.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. "'Acima de tudo, eu me acho bonita': a estética no envelhecer de mulheres negras // "Above all, I think I'm beautiful": aesthetics in the aging of black women". **Revista de Psicologia**, vol. 15, 2024.

SILVA, P.; HOCHDORN, A.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. "Aging in (con)text: a systematic review on how scientific discourses embed the intersectional reality of elderly". **Humanities and Social Sciences Communications**, vol. 11, n. 1, 2024.

SILVA, S. R. “Intelectualidade negra em ação: entre o não lugar e o protagonismo na produção de saberes”. **Revista Docência e Cibercultura**, vol. 3, n. 3, 2019.

SILVA, W. H. F. **Trajetória política e intelectual de Clóvis Moura (1959-1989)**: quilombagem, práxis negra e antirracismo de um intérprete do Brasil (Dissertação de Mestrado em História). João Pessoa: UFPB, 2021.

SIQUEIRA, C. F. C. **Intelectualidades negras e constituição de um êthos negro pesquisador** (Tese de Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2022.

STROBL, T. J.; ARRUDA, D. O. “As políticas de ação afirmativa e a presença de pessoas negras no mercado formal de trabalho da região metropolitana do Rio de Janeiro”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 44, 2023.

THEODORO, M. “Relações raciais, racismo e políticas públicas no Brasil contemporâneo”. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, vol. 8, n. 1, 2014.

ULGUIM, S. R. *et al*. “Racismo no ensino superior: representações sociais de estudantes negros”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 23, n. 68, 2025.

VEIGA, L. M. “Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta”. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 31, 2019.

WARNER, D. F.; BROWN, T. H. “Understanding how race/ethnicity and gender define age-trajectories of disability: an intersectionality approach”. **Social Science and Medicine**, vol. 72, n. 8, 2011

WILLIAMS, J. M. “Négritude as performance practice: Rio de Janeiro’s Black experimental theatre”. *In*: OBOE, A.; SCACCHI, A. (eds.). **Recharting the black atlantic**: modern cultures, local communities, global connections. London: Routledge, 2008.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 68 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima